

Universidade de Brasília
Departamento de Economia
Disciplina: Macroeconomia I
Professor: Carlos Alberto
Período: 2/03
Segunda Prova

Questões

1. Suponha uma economia pequena e com mobilidade perfeita de capitais que se encontra em equilíbrio interno e externo. Quais seriam as conseqüências de uma elevação nas taxas de juros internacionais no caso de: a) apresentar câmbio fixo e b) apresentar câmbio flexível.

(Complemente sua argumentação com uma análise gráfica)

(Esta questão vale dois pontos)

Resposta: a) no caso de câmbio fixo, a moeda local tende a se desvalorizar, o país perde divisas e o BC vende divisas para manter o câmbio. Como corolário temos um deslocamento da LM para a esquerda até atingir uma situação de equilíbrio interno e externo. O novo equilíbrio será um nível de renda menor e, logicamente, uma maior taxa de juros; b) em caso de câmbio flexível, a moeda local se desvaloriza (o BC não intervém dada a hipótese de câmbio flexível), a IS se desloca para a direita até fazer interseção com a LM na nova taxa de juros e, como conseqüência, o nível de renda experimenta uma elevação.

2. Suponha uma economia com equilíbrio interno e externo, taxa de câmbio fixa e mobilidade perfeita de capital. O equilíbrio interno e externo gera um PIB aquém do potencial. O Governo trata de elevar o nível de renda desvalorizando a moeda. Analise as conseqüências dessa política.

(Considere que a desvalorização é real, não influencia sobre o nível de preços. Apresente análise gráfica para enriquecer sua argumentação)

(Esta questão vale dois pontos)

Resposta: A desvalorização provoca um deslocamento da IS para a direita. O novo ponto de interseção com a LM se dá sobre uma taxa de juros superior à internacional. Dada a hipótese de câmbio fixo e mobilidade perfeita, o corolário será uma entrada de capitais que deslocará a LM até um ponto no qual a interseção com a nova IS se dará sobre a taxa de juros internacional. O novo ponto de equilíbrio se observará sobre um PIB maior.

3. Suponha uma economia aberta, pequena, com tipo de câmbio fixo e mobilidade perfeita de capital. Os gestores de política aplicam um *mix* de política

fiscal expansiva e política monetária restritiva. Explique as conseqüências dessa alternativa de política sobre o equilíbrio interno e externo inicial.

(Como sempre, apóie suas argumentações com gráficos)

(Esta questão vale dois pontos)

Resposta: Uma política fiscal expansionista desloca a curva IS para a direita e uma política monetária contracionista desloca a curva LM para a esquerda. O impacto sobre a taxa de juros será positivo e a nova taxa de juros será superior à internacional. O impacto sobre o PIB é ambíguo, mas vamos supor que permanece no mesmo nível que estava. Como a taxa de juros é superior à internacional, esse fato gera uma entrada de capitais e, dada a hipótese de taxa de câmbio fixa, a curva LM se deslocará para a direita até fazer interseção sobre a IS sobre a taxa de juros internacional. Ou seja, a política monetária contracionista ficou anulada, como era de se esperar, dado que em um regime de taxas de câmbio fixas a oferta de moeda é endógena.

4. Analise a mesma situação anterior mas, agora, suponha que a taxa de câmbio é flexível.

(Esta questão vale dois pontos e, como sempre, utilize gráficos)

Resposta: Como na questão 3, a política fiscal expansionista desloca a curva IS para a direita e uma política monetária contracionista desloca a curva LM para a esquerda. A nova taxa de juros é superior à internacional e o efeito sobre o PIB é ambíguo, vai depender da magnitude nos deslocamentos da IS e da LM. Suponhamos que o PIB permaneça constante. Ao ser superior à taxa de juros internacional, esse fato gerará uma entrada de capitais que aprecia a moeda nacional, deslocando a IS para a esquerda até o ponto no qual faça interseção com a LM sobre a taxa de juros internacional.

5. Hoje, como desde meados dos anos 90, existe uma polêmica no Brasil. Basicamente, a polêmica é a seguinte. Muitos macroeconomistas situados mais à esquerda argumentam que os ciclos de conjuntura estão atrelados a movimentos de capital especulativo internacional sobre os quais o país não tem controle. Em épocas de euforia (como hoje), quando as condições externas são favoráveis, observa-se um fluxo positivo de recursos externos, o câmbio tende a apreciar-se, o nível de atividade se eleva não obstante taxas de juros exorbitantes. Estas (as taxas de juros) seriam superiores às necessárias para equilibrar o setor externo e potencializariam a já indicada entrada de capitais. Nessas circunstâncias, o Brasil se tornaria dependente dos capitais financeiros internacionais que propiciariam a bonança enquanto duram. Esse ciclo não é eterno e, por algum motivo (crises mexicana em 1985, crises no Sudeste Asiático em 1997, crises na Rússia em 1998, crises da Argentina em 200/2001, atentados terroristas em 2001, etc.) o fluxo de capitais se reverte e o país entra em recessão para se ajustar à falta de divisas. Isso se denomina de “morte súbita”, subitamente os capitais que

financiavam a “farra” somem e o país fica de ressaca. Ou seja, teríamos um crescimento tipo “vão de galinha”, não se sustenta. Quando o país está crescendo as autoridades sustentam que é um novo ciclo de crescimento (como hoje afirma este governo). Não é nada disso, é um crescimento circunstancial devido às boas condições externas. Muitos economistas de esquerda argumentam a necessidade de taxar os capitais que entram ou reduzem sua mobilidade. Várias são as alternativas. Por exemplo, fixar um mínimo de tempo de permanência no país ou estabelecer um percentual a ser depositado no BC sem remuneração. Esse tipo de política foi adotado na Espanha no fim dos anos 80, no Chile e hoje na Argentina. A questão é a seguinte. Suponha que o país (neste caso o Brasil) tem superávit externo, uma taxa de juros superior à necessária para equilibrar o setor externo, a mobilidade de capital é imperfeita e o tipo de câmbio é flexível. Represente graficamente essa situação. Suponha, agora, que o Governo impõe uma quarentena ao capital especulativo (40% do mesmo deve ficar depositado no BC sem remuneração, por exemplo). Como essa medida altera a situação representada no Gráfico? Suponha que você seja um crítico dessa medida (quarentena), argumente porque não seria necessária ?

(Esta questão vale dois pontos e utilize Gráficos para tornar mais claros seus argumentos)

Resposta: Algum tipo de restrição à entrada de capitais deverá ser representada por um deslocamento da curva BP à esquerda. Como a taxa de juros da interseção da IS com a LM era superior à necessária para equilibrar o setor externo, o deslocamento da BP deveria ser de uma magnitude tal que coincida com o equilíbrio interno. Um economista que acredita muito nos mecanismos automáticos de estabilização diria que essa medida não é necessária, dado que o equilíbrio com taxas de juros superiores às necessárias para equilibrar o setor externo redundaria em uma apreciação da moeda local, deslocaria a curva IS para a esquerda e a BP para cima até o ponto no qual as três (IS-LM-BP) se cruzariam. O problema é que esse equilíbrio na BP pode se lograr mediante a constante entrada de capitais e se por algum motivo esse fluxo se reverte, a recessão será a única alternativa para contornar momentaneamente o problema.